

20 SET 1993

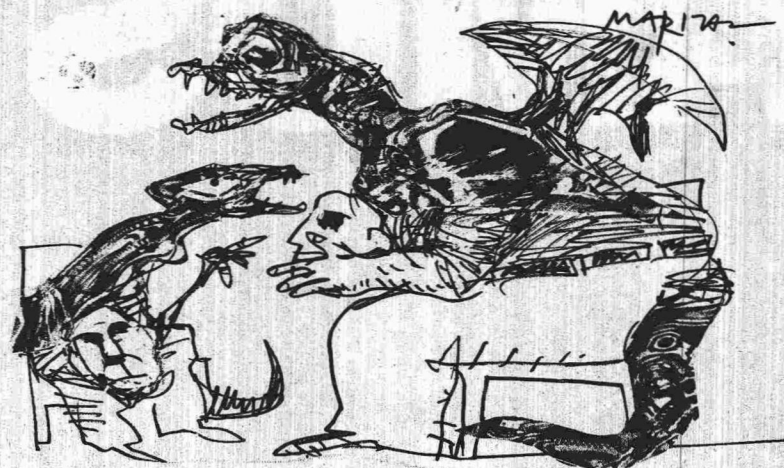
JORNAL DA TARDE

Reuniu-se em princípios deste mês, no Hotel Sheraton do Rio, a conferência regional da Sociedade do Mont Pèlerin, uma entidade informal fundada por Friedrich Hayek que congrega a elite do pensamento liberal, particularmente no terreno da economia. Cerca de trezentos participantes de vinte países, dois Prêmios Nobel e personalidades ilustres de antigos governos estiveram presentes. O que me surpreendeu foi o tom geralmente otimista, senão eufórico, dos representantes de países latino-americanos que estão conhecendo um rápido crescimento e transformação social graças aos benefícios da política de abertura, privatização, prudência administrativa e redução drástica do intervencionismo estatal: Büchi, ex-ministro da Fazenda do Chile, e Carlos Bolaños, do Peru; Benegas Lynch, da Argentina; e Luiz Pazos, da Universidade do México. Para nós, brasileiros, tanto mais essa alegria contagiante de nossos vizinhos nos encheu de melancólica meditação sobre nossas próprias agruras. Até quando vamos aturar a turma retrógrada de dinossauros, pterodáctilos e seus contemporâneos, os Neanderthal do PT, que controlam o governo, as universidades, a Igreja e grande parte dos meios de comunicação — como se a aurora da Idade Moderna já não estivesse brilhando por toda a parte?

Isso me levou a considerar a seguinte circunstância histórica, dramática e aparentemente paradoxal. O que era nos séculos XVII e XVIII conhecido como o Despotismo Esclarecido parece haver constituído uma etapa necessária no caminho da modernização. Com exceção da In-

Despotismo esclarecido

J.O DE MEIRA PENNA



O DESPOTISMO ESCLARECIDO
PARECE HAVER CONSTITUÍDO UMA
ETAPA NECESSÁRIA NO
CAMINHO DA MODERNIZAÇÃO

glaterra, tal ocorreu em quase toda a Europa. Pensem em José I na Áustria e Pombal em Portugal. Pensem mesmo em Napoleão em França e Bismarck na Alemanha, já no século passado. E pasmem ainda: não terá sido a ditadura militar do ocupante, general MacArthur, assistido por alguns cabeças ovóides da Universidade de Harvard, que ao Japão proporcionou uma Constituição liberal democrática, a reforma agrária e as condições propícias a uma economia de mercado, graças às quais o Império se transformou na segunda potência econômica do mundo e ponta de lança tecnológica? Mas as minhas angústias meditabundas prosseguiram... Seria possível imaginar um socialista "liberal" como Felipe Gonzalez, sem levar em conta o trabalho de preparação do "caudillo por la Gracia de Diós", Franco, para o encaminhamento da democra-

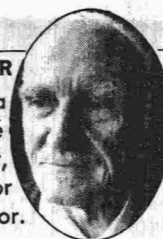
cia ordeira que superou os espasmos anárquicos dos espanhóis? Olhem para o Oriente. Os Tigres asiáticos, todos eles, viram o terreno de seu sucesso adubado por regimes autoritários: o dos generais coreanos; o do Kuomintang em Taiwan, que continua cultuando a imagem de Chiang Kaichek; e o de Lee Kwan-yew em Singapura, uma espécie de Calvino chinês que adaptou a sua "ética protestante 'sui-generis'" à filosofia confucianista. E, afinal de contas, querem maior paradoxo do que o de Deng Xiaoping, o ditador comunista que prepara o mais populoso país do mundo para a abertura ao mercado mundial de capitais, mercadorias, pessoas e idéias?

Mas o que, certamente, mais me despertou sombrias cogitações foi pensar em nossos vizinhos, que gozaram ou gozam de uma sorte especial que a nós escapa. É hoje o Chile o país mais avançado

no caminho da modernidade por benemerência do general Pinochet. A esquerda gritalhona, ressentida e arruaceira pode berrar à vontade no 20º aniversário do golpe que derubou o nefasto comunista Allende — mas ninguém ao general negaria o sucesso de sua administração. Foi o caso do Justicialismo peronista que transformou um demagogo pitoresco, Menem, no líder triunfante do renascimento argentino. Todas essas nações saíram de sistemas autoritários, ditadura militar, nacionalismo demagógico, partido único ou regime de exceção, com governos suficientemente fortes e esclarecidos para promover a redução de seu próprio poder intervencionista e conduzi-las no caminho da prosperidade em vibrante economia de mercado. Foi o partido único mexicano que levou à presidência De la Madrid e Salinas, acelerando o desenvolvimento do país ao ponto de, em breve, nos ultrapassar. É, finalmente, o caso de Fujimori (e não em vão o paradigma peruano atormenta nossos políticos ineptos da esquerda jurássica!). Será que Rousseau tinha razão e "devemos forçar os homens a serem livres"? Em que pesem os avisos de Churchill e De Gaulle, será que uma espécie de breve "despotismo esclarecido" (*horribile dictu!*) é instrumento necessário à meta? O problema é assegurar que o despotismo seja verdadeiramente esclarecido...

O AUTOR

J.O de Meira
Penna é
embaixador,
professor
e escritor.



Economia Brasil
077
Reportagem 0134